

# **DESIGUALDADE DE RENDIMENTOS: Uma análise a partir de uma abordagem econométrica para o período de 2010 no município de Vitória da Conquista – BA**

***Categoria Temática: Políticas Sociais e Desigualdades***

Lucas Gomes Jardim, William Lima Martins, Juliana Paula Pereira Santos, Nayrla Pereira Silva

Estudante de Economia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

# **DESIGUALDADE DE RENDIMENTOS: Uma análise a partir de uma abordagem econométrica para o período de 2010 no município de Vitória da Conquista – BA**

## **RESUMO**

*O presente trabalho propõe comparar se existe uma desigualdade de rendimentos no município de Vitória da Conquista – Bahia entre, no primeiro momento, uma comparação do sexo de mulheres e homens e, no segundo momento, entre a cor ou raça da população de brancos com a população negra (entrando pretos e pardos), utilizando o Censo Demográfico de 2010. Para tanto, será usado um modelo econométrico de regressão linear múltipla. Todo o procedimento é feito utilizando o software estatístico Stata.*

**Palavras-Chave:** Renda; Desigualdade; Econometria.

## **1. INTRODUÇÃO**

Vivemos em uma sociedade na qual o modo de produção operante é o sistema capitalista, certamente, mantido através da exploração da força de trabalho humano. Neste cenário, podemos observar contradições nos rendimentos dos sujeitos que dispõem de sua força de trabalho como mercadorias, no mercado de trabalho, em detrimento de diferenças de sexo e/ou raça. De acordo Safiotti (1987), o capitalismo é um sistema de produção baseado na exploração da mão-de-obra assalariada, com o auxílio de tecnologia crescentemente sofisticada.

Na sociedade brasileira, já está inserido como natural o processo da mulher ser responsável pelo lar e pelos filhos, apesar de desde a década de 70 as mulheres estarem conquistando mais espaço no mercado de trabalho, ainda recaem sobre elas tal responsabilidade. E mesmo não existindo dúvidas que ao longo do tempo as mulheres conquistaram o seu espaço no mercado de trabalho, tais conquistas ainda são atreladas a preconceito e discriminação, afirmada pelos menores salários pagos as mulheres em comparação aos homens.

Assim, é importante ressaltarmos que a inserção da mulher no mercado de trabalho, com o passar dos anos, vem atrelada ao processo discriminatório, tanto no que tange à qualidade das ocupações destinadas as mulheres tanto no setor informal como no formal do mercado de trabalho, como também em caráter principal no que se refere à

desigualdade salarial entre homens e mulheres.

As diferenças salariais, são existentes também em detrimento das diferenças raciais. A sociedade brasileira carrega em seu passado o meio de produção escravista, que explorava a mão-de-obra negra e, apesar do rompimento de tal sistema, a partir da Lei Áurea, sancionada em 13 de maio de 1888, a discriminação e preconceito racial perdura e se mostra constante nos dias atuais.

Sendo assim, visto que na sociedade brasileira pode ocorrer diferença salarial, oriundas da diferenciação de sexo (homem, mulher) e/ou raça (entre negros/pardos e brancos), o presente trabalho tem como objetivo geral, investigar se tal fenômeno ocorre no município de Vitória da Conquista/ BA. Diante de tal objetivo, foi gerado um questionamento: Existe desigualdade de rendimentos entre homens e mulheres e posteriormente entre brancos e negros? Dessa forma tal questão constitui a problemática desta pesquisa, que possui como hipótese prévia, que tal desigualdade nos rendimentos por diferenças de sexo e/ou raça existe no município de Vitória da Conquista.

A pesquisa se mostra relevante e justifica-se, ao passo que através da análise das contradições que abrangem o sistema capitalista, visa investigar as disparidades e desigualdades, injustas que tal sistema impõe sobre a classe trabalhadora, afetando principalmente as classes marginalizadas: mulheres, negros e pobres. Para alcançar o objetivo proposto, foi utilizado um modelo econométrico de regressão linear múltipla sendo que todo o procedimento é feito utilizando o software estatístico Stata.

Os dados obtidos foram analisados e interpretados, o que nos levou a conclusão de que a variável dependente renda sofre influências das variáveis independentes cor ou raça e sexo, ou seja, existe uma diferenciação salarial devido a tais fatores, onde as mulheres e/ou negros recebem salários menores que os homens e/ou pessoas brancas.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

O mundo do trabalho na sociedade capitalista sofre por diversas contradições que acabam contribuindo para a desigualdade existente com a classe trabalhadora, atingindo principalmente as mulheres, negros, LGBT's e pobres. Logo, essas particularidades sofrem condições diferenciadas no processo de exploração da sua força de trabalho, em função de seu sexo, raça, orientação sexual e condição econômica, por meio da extração da mais-valia.

Da teoria a prática, mostra-se, em dados abstraídos dos microdados do Censo

2010, a desigualdade salarial da classe trabalhadora relatando que as mulheres recebem menos que os homens e os negros e pardos recebem menos que os brancos da população de Vitória da Conquista – BA.

## **2.1 A condição da mulher e a população negra no mercado de trabalho**

Segundo o sociólogo Karl Marx (2013), o trabalho passa de um meio da sobrevivência do homem em si para a alienação de sua existência, não reconhecendo sua atividade como tal. Ou seja, a necessidade de trabalho do alienado para garantir a sobrevivência do alienador e dominante. Nas palavras de Marx, “Ao produzir os seus meios de existência, os homens produzem indiretamente a sua própria vida material” (MARX, 1988, p. 45), ou seja, o que diferencia o ser humano dos animais é de que o primeiro existe uma relação de trabalho garantindo sua existência fazendo com que o trabalho passe a ser não só o surgimento, mas também o fim, que é mortificante.

Devido à existência da alienação na produção da mercadoria, mesmo sendo uma atividade fundante do ser social, surgem as relações sociais de produção. Assim, na sociedade produtora de mercadorias, “o trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral” (MARX, 2010, p. 80). O capitalismo faz com que exista uma exteriorização, fazendo com que os trabalhadores não reconheçam a si mesmos, ou seja, não se reconhecendo como classe social. Tal processo se dá, para Marx, em:

Primeiro, que o trabalho é externo (*äusserlich*) ao trabalhador, isto é, não pertence ao seu ser, que ele não se afirma, portanto, em seu trabalho, mas nega-se nele, que não se sente bem, mas infeliz, que não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica sua *physis* e arruína o seu espírito. O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si [quando] fora do trabalho e fora de si [quando] no trabalho (...). O trabalho não é, por isso, a satisfação de uma carência, mas somente um meio para satisfazer necessidades fora dele. Sua estranheza (*Fremdheit*) evidencia-se aqui [de forma] tão pura que, tão logo inexistia coerção física ou outra qualquer, foge-se do trabalho como de uma peste. O trabalho externo, o trabalho no qual o homem se exterioriza, é um trabalho de autossacrifício, de mortificação. Finalmente, a externalidade (*Äusserlichkeit*) do trabalho aparece para o trabalhador como se [o trabalho] não fosse seu próprio, mas de um outro, como se [o trabalho] não lhe pertencesse, como se ele no trabalho não pertencesse a si mesmo, mas a um outro (MARX, 2010, p. 82-83).

Logo, a existência dessa exteriorização é um disfarce para a exploração com a

classe trabalhadora. Marx visualiza, na sociedade burguesa capitalista, a existência de três classes: capitalistas, trabalhadores e proprietários fundiários. Portanto, a classe capitalista possui os meios de produção em sua concentração os proprietários são possuidores da terra e a classe trabalhadora detém somente da sua força para o trabalho na necessidade de garantir sua existência.

O capitalismo nesse processo exploração do trabalho cresce, mas a maior culpa não é só do capitalismo em si pelo processo de exploração das classes mais oprimidas, mulheres, LGBTs, negros e pobres, para Safiotti (1987), o capitalismo é sustentado por mais dois pilares, o patriarcado e o racismo que o ajudam na sua estrutura.

Para a autora, a utilização da palavra patriarcado, a relação de dominação que o homem tem pela mulher, é mais apropriada do que gênero, já que o gênero não impõe dominação e sim a exploração da mulher pelo homem (1987). O patriarcado surge muito antes do capitalismo, mas é quando o capitalismo começa a surgir que ele passa a se manter firmemente, porque passa-se para a vivenciar um capitalismo patriarcal.

Já o racismo passa a ser mero instrumento de garantia do homem branco no poder. A dominação e exploração do povo preto, já que Saffiote deixa claro em O Poder do Macho que:

(...) Implícita nesta ilusão está a crença de que o racismo se reduz a preconceito racial e de que patriarcado se reduz à ideologia machista. Na verdade, esta crença não passa também de uma ilusão. Tanto o racismo quanto o patriarcado são estruturas de dominação-exploração, que garantem relações sociais do mesmo gênero, isto é, também de dominação-exploração (SAFFIOTI, 1987, p. 91).

Portanto, a autora reconhece que existe um recorte de classe da existência de posicionamentos diferentes, ou seja, existe a mulher branca que sofre pelo capitalismo-patriarcal, porém, a mulher negra, além de sofrer tudo isso, sofre com o racismo. O capitalismo que é mortificante para Marx, torna-se um capitalismo-patriarcal-racista para Safiotti (2013).

A existência e aceitação dessa classe oprimida é por existir um exercito industrial de reserva que garante a sustentação dos capitalistas por não terem que lher dá com a condição de rebelião da classe trabalhadora que não quer perder seu emprego já que existe uma massa desempregada e que gostaria de trabalhar nas mesmas condições péssimas de emprego (MARX, 2013).

Ou seja, a permanência de dois setores que passam a garantir a exploração do capitalismo com a classe trabalhadora:

É reflexo de uma herança social advinda do modelo de colonização europeu de exploração, bem como da lógica serviçal e escravista que norteou a construção da nação brasileira. Dessa forma, o único resultado possível da junção de heterogeneidade estrutural com uma racionalização capitalista espoliativa, só poderia ser a persistência e o avanço da desigualdade social, aliada a um intenso processo de exclusão, concentração de poder e de riqueza (FURNO; GOMES, 2015, p. 208).

Com isso, a população pobre passa também a se inserir nesse recorte de classe de exploração da classe trabalhadora, que também é um dos setores vulneráveis da sociedade por viverem condições de pobreza que não conseguem a garantia de sobrevivência ao suprir as necessidades básicas como saúde e educação.

A pobreza pode ser interpretada como insuficiência de renda, ou melhor, péssima qualidade de trabalho que garante uma renda menor que a mínima ou até mesmo na condição de não existir trabalho pela pessoa, através de uma perspectiva absoluta que considera a simples subsistência do indivíduo, classificando como pobres aqueles que se encontram abaixo da linha de pobreza estabelecida, isso se analisarmos somente a renda, ou seja, a monetária, deixando de lado as condições em que a pessoa se encontra sobre sua educação e saúde que passamos a chamar de abordagens multidimensionais, que tratam de mais de uma condição de medir a pobreza do indivíduo (ROCHA, 2003).

Com isso, o setor mais vulnerável da sociedade se consolidou nos trabalhadores – em especial nos pobres – os quais vivenciaram as mais significativas formas de contratação, a insegurança do trabalho, as extensas jornadas de trabalhos e os rendimentos tão baixos quase incapazes de reproduzir a própria força de trabalho (FURNO; GOMES, 2015, p. 208).

A divisão sexual do trabalho faz com que a classe trabalhadora é possuída por uma particularidade em sua composição. Portanto, “o trabalho assume um caráter sexuado, ou seja, que mulheres e homens se relacionam de maneira distinta com o trabalho doméstico não pago e com o mercado de trabalho assalariado” (OLIVEIRA, 2012, p. 12). Tal divisão surge à hierarquização e como Saffioti relata a condição de exploração, os homens tem uma melhor condição nessa hierarquização.

A mulher, devido a sua construção que a sociedade impôs de que ela serve somente para cuidar dos trabalhos domésticos fez com que a mesma fora do ambiente familiar/privado, acaba ficando nos postos mais precarizados,

La clase de las mujeres está siendo producida en la relación de explotación del trabajo doméstico de las esposas – y de los varones menores – por parte de los maridos – y de los hermanos mayores – en el marco de la institución del matrimonio y de la explotación familiar (GUILLAUMIN; TABET; MATHIEU, 2005, p. 10)

Logo, a mulher é vista como simples forma de cuidar dos deveres da família e do marido por meio do trabalho doméstico, que na existência da divisão sexual do trabalho fez com que as mesmas, fora desse ambiente de trabalho, estão nos trabalhos mais precarizados, recebendo menos salários e assumindo uma jornada dupla de trabalho (OLIVEIRA, 2012).

Posteriormente, é importante citar que o trabalho também está dividido pela categoria “raça” em sua análise. Saffioti argumenta que “Preconceitos de raça e sexo desempenham (...) um papel relevante quer na conservação do domínio do homem branco, quer na acumulação do capital” (SAFFIOTI, 2013, p. 82). Já a relação com o processo de trabalho na atualidade, em comparação de raça/etnia, Harvey sintetiza:

No decorrer do tempo, os capitalistas têm procurado controlar o trabalho, colocando trabalhadores individuais em concorrência uns com os outros para os postos de trabalho em oferta. A força de trabalho potencial tem gênero, raça, etnia e tribo ou se divide pela língua, política, orientação sexual e crença religiosa, e tais diferenças emergem como fundamentais para o funcionamento do mercado de trabalho. Tornam-se ferramentas por meio das quais os capitalistas administram a oferta de trabalho em conjunto com os setores privilegiados da força de trabalho que usam o racismo e o machismo para minimizar a competição. A história da acumulação primitiva implicou a produção de títulos de superioridade ‘natural’ e, portanto, baseadas na biologia, que legitimou as formas de poder hierárquico e de classe em face das alegações religiosas ou seculares do status de igualdade perante os olhos de Deus ou do Estado (a Revolução Francesa e Estadunidense). Ao longo de sua história, o capital não foi de maneira nenhuma relutante em explorar, se não promover, fragmentações, e os próprios trabalhadores lutam para definir meios de ação coletiva que muitas vezes se defrontam com os limites das identidades étnicas, religiosas, raciais ou de gênero (HARVEY, 2005, pp. 57 - 58).

Portanto, estudar as relações existentes entre a classe trabalhadora por meio da divisão sexual e do trabalho envolve entender o processo de discriminação no trabalho e o resultado, por meio da análise teórica, da condição de uma desigualdade de rendimento por sexo e raça/cor, devido às discriminações de determinados grupos de trabalhadores cumprem para o processo de acumulação de capital.

## **2.2 Apresentação do modelo econométrico**

O presente trabalho propõe comparar se existe uma desigualdade de rendimentos no município de Vitória da Conquista – Bahia entre, no primeiro momento, uma comparação do sexo de mulheres e homens e, no segundo momento, entre a cor ou raça da população de brancos com a população negra (entrando pretos e pardos), utilizando o

Censo Demográfico de 2010. Para tanto, será usado um modelo econométrico de regressão linear múltipla. Todo o procedimento é feito utilizando o software estatístico Stata.

A econometria é uma ferramenta de construção e utilização de modelos, como modelos de série temporal, regressão simples e regressão múltipla. O modelo de série temporal é supor que não sabe-se nada das causalidades que afetam a variável que está tentando prever (PINDYCK e RUBINFELD, 2004).

O modelo de regressão simples é a comparação de uma variável dependente que é expressa por uma ou mais variáveis, que são as variáveis explicativas (GUAJARATI, 2006, p. 11). Segundo Wooldrige (2010, p. 64), “a análise de regressão múltipla é mais receptiva à análise *ceteris paribus*, pois ela nos permite controlar explicitamente muitos outros fatores que, de maneira simultânea, afetam a variável dependente”. Ou seja, descobrir os valores das variáveis independentes por meio da variável dependente, que estão relacionadas entre si.

A importância desse estudo é comparar a renda das mulheres e a população negra e de afirmar, por meio de dados, que as mulheres, devido à condição de machismo existente que faz com que os homens tenham melhores empregos e maiores salários, e a população negra, mesmo depois do processo de libertação dos escravos, são prejudicadas porque nossa população ainda carrega traços do passado e a existência do racismo é presente em nosso país, além de outros fatores como já foram explicados, recebem menos que os homens e a população branca.

As variáveis escolhidas para a análise de regressão da renda estão relacionadas com a condição de comparação de salários do sexo masculino e feminino e a de brancos e negros (incluindo pardos e pretos), utilizando os microdados do Censo Demográfico de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), analisando o rendimento do trabalho principal da pessoa. O Censo Demográfico é o banco de dados mais relevado para comparar o rendimento da população brasileira ao mesmo tempo em que é utilizando um programa estatístico.

Aqui se propõe estimar a renda dessa variável escolhida. Como variáveis explicativas para a comparação da renda foram utilizados a idade, sexo, cor/raça, posição na ocupação e nível de instrução. Portanto, as variáveis independentes são o sexo e cor/raça, tal que:



- **Sexo:** Explica o sexo da pessoa, se é/se reconhece como feminino ou masculino;
- **Cor ou raça:** Conforme declaração da pessoa, ela pode ser branca, preta, amarela, parda, indígena, ignorado.

Logo, será testada a variável dependente  $y$ , em função de diversas variáveis independentes  $x$ , em *ceteris paribus*, “permanecendo constantes todas as demais variáveis”, termo em latim. O termo de erro será o  $u$ , que apresentam fatores que também afetam  $y$ , só que não foram incluídos no modelo. Ex:  $Y = \beta_0 + \beta_1 x_1 + \beta_2 x_2 + \dots + \mu$  (PINDYCK e RUBINFELD, 2004).

A equação  $Y = \beta_0 + \beta_1 \text{Sexo}X_1 + \beta_2 \text{Cor}X_2 + \mu$  mostra que o rendimento do trabalho principal,  $Y$ , está condicionado aos valores de  $X_1$  e  $X_2$ , em que:

**Y:** Rendimento do trabalho principal;

**X1:** Sexo;

**X2:** Cor ou Raça.

## 2.3 Estimação do modelo

Para o trabalho foram definidas hipóteses para tais variáveis, a hipótese pode ser nula ou alternativa (conceito de hipótese nula e alternativa e referencial).

Variável Sexo

→ Hipótese nula: sexo não influencia na renda ( $\beta_{\text{Sexo}} = 0$ )

→ Hipótese alternativa: sexo influencia na renda ( $\beta_{\text{Sexo}} \neq 0$ )

Variável Cor

→ Hipótese nula: cor não influencia na renda ( $\beta_{\text{Cor}} = 0$ )

→ Hipótese alternativa: cor influencia na renda ( $\beta_{\text{Cor}} \neq 0$ )

Figura 1: Variável Dependente e Explicativas

<pre> . xt:regress logRenda Idade i.Cor i.Sexo Posicaoocupacao NivelEduc i.Cor          _ICor_1-9          (naturally coded; _ICor_1 omitted) i.Sexo          _ISexo_1-2        (naturally coded; _ISexo_1 omitted) note: _ICor_9 omitted because of collinearity </pre>						
Source	SS	df	MS			
Model	153125.546	8	19140.6933	Number of obs = 519342		
Residual	358386.871519333		.690090695	F( 8,519333) =27736.49		
Total	511512.417519341		.984925929	Prob > F = 0.0000		
				R-squared = 0.2994		
				Adj R-squared = 0.2993		
				Root MSE = .83072		
logRenda	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
Idade	.0167676	.0000901	186.02	0.000	.016591	.0169443
_ICor_2	-.1099565	.00369	-29.80	0.000	-.1171888	-.1027242
_ICor_3	-.0696357	.0110477	-6.30	0.000	-.0912889	-.0479826
_ICor_4	-.1207553	.0028665	-42.13	0.000	-.1263735	-.1151371
_ICor_5	-.0798874	.0187229	-4.27	0.000	-.1165836	-.0431912
_ICor_9	(omitted)					
_ISexo_2	-.5105301	.0025556	-199.77	0.000	-.5155391	-.5055211
Posicaoocu-o	4.30e-06	3.77e-08	114.01	0.000	4.22e-06	4.37e-06
NivelEduc	.4507517	.0012073	373.37	0.000	.4483855	.4531179
_cons	4.711615	.0051028	923.35	0.000	4.701613	4.721616

O teste t de student é um teste de significância que é um procedimento em que os resultados amostrais são usados para verificar a veracidade ou a falsidade de uma hipótese nula (GUAJARATI, 2000). Se a hipótese nula ( $H_0: \beta = 0$ ) for rejeitada diz que a variável x não tem efeito sobre y, logo, a hipótese alternativa ( $H_1: \beta \neq 0$ ) é aceita.

A partir da análise de  $P > |t|$  a qual todos os resultados foram abaixo de 5% (ou seja, a hipótese nula foi rejeitada) – cor: 0,000; idade: 0,000; sexo: 0,000; posição: 0,000; nível de educação: 0,000; posição: 0,000 - pode-se concluir que todas as variáveis independentes possuem poder de explicação sob a variável dependente (renda).

O Teste F, parecido com o Teste T, diferencia-se por uma análise simultânea das variáveis independentes. Por fazer uma análise linear entre as variáveis dependente e independentes à uma margem de significância de 5%, caso essa tenha um valor abaixo, a hipótese nula será rejeitada (GUAJARATI, 2000). De acordo com o trabalho analisado, com  $Pro > F = 0,00$  verifica-se que a variável dependente (renda) pode ser explicada simultaneamente pelas variáveis independentes e sua hipótese nula (sexo e cor não influenciam na renda) foi rejeitada se analisar a Figura 1.

O intervalo de confiança pode ser utilizado para descrever o quanto os resultados de uma pesquisa são confiáveis. Considerando as estimativas quando o intervalo de confiança é pequeno é mais confiável do que um intervalo de confiança maior (WOOLDRIGE, 2010).

O teste t de Student é uma abordagem que auxilia o intervalo de confiança analisando por meio de cada uma das variáveis explicativas sua significância. Conforme exposto a cima na análise do  $P > |t|$ , todas as variáveis independentes são significativas e por isso tem poder de explicação sob a variável dependente renda. Assim sendo, os coeficientes mostram o comportamento das variáveis explicativas quando relacionadas a variável dependente renda. A variável ICor\_2 que é referente a cor parda quando comparada a ICor\_1 referente a cor branca, mostra que a ICor\_2 recebe 10% a menos que ICor\_1. A variável ICor\_4 referente a cor preta ao ser comparada com ICor\_1 recebe 12% a menos. A variável ISexo\_2 se refere ao sexo feminino que ao ser comparada a ISexo\_1 referente sexo masculino recebe 51% a menos, confirmando-se assim a diferença existente entre homens e mulheres no mercado de trabalho e como está se acentua quando se relaciona a cor.

Coeficiente  $R^2$  baseia-se em ser um cálculo que vai abordar a qualidade explicativa das variáveis independentes, ou seja, o quanto que as variáveis independentes explicam a variável dependente. Quanto mais próximo de 1, o poder qualitativo das explicações serão excelentes, e quanto mais próximo de 0, menor é o poder de explicação. Analisando o trabalho em questão o  $R^2$  é de 0,2994, ou seja, as variáveis independentes tem um poder de explicação de 29,94%, o que pode ser considerado um valor satisfatório para o poder explicativo das variáveis (GUAJARATI, 2000).

O coeficiente  $R^2$  ajustado tem por sua vez o dever de aderir aos cálculos uma maior quantidade de dados mais relevantes (GUAJARATI, 2000). O  $R^2$  ajustado testa o próprio  $R^2$ , logo como seu valor difere pouco do  $R^2$  sendo 29,93%, pode-se concluir de que as variáveis independentes tem um poder de explicação também satisfatório.

A multicolinearidade parte do princípio de que as variáveis independentes estão correlacionadas umas com as outras, ou seja, há uma relação simétrica trazendo prejuízos ao trabalho por ocorrer erros-padrões grandes e não ter uma grande exatidão nos coeficientes. Analisaremos a Multicolinearidade através do Teste de fator inflação da variância – FIV, que observa a velocidade com que as variâncias e covariâncias podem ser vistas, caso o valor seja abaixo de 10 a existência de multicolinearidade é nula (GUAJARATI, 2000). No caso do trabalho estudado, não há indícios de multicolinearidade já que seus valores foram abaixo de 10.

A heterocedasticidade ocorre quando as variâncias não são iguais, ou apresentam uma forte dispersão em torno da reta. Neste caso, a inferência dos estimadores MQO não são os melhores estimadores, pois, dada a heterocedasticidade eles sofrem perda de eficiência e seus estimadores de variância são enviesados (GUAJARATI, 2000). A detecção neste processo se avalia a presença ou ausência de homocedasticidade pelo teste Breusch-Pagan e o teste residual de “White”.

Ao ser realizado o teste Breusch-Pagan, com  $H_0$ : homocedasticidade e  $H_1$ : heterocedasticidade, com nível de significância de 5%, houve indício de heterocedasticidade, pois a  $\text{Prob} > \chi^2 = 0.0000$ , é um valor inferior ao nível de significância e por isso rejeita-se a hipótese nula de homocedasticidade, neste sentido, o trabalho apresenta heterocedasticidade.

O teste White parte do princípio de substituição da hipótese de homocedasticidade por uma hipótese mais fraca do que o erro ao quadrado, não correlacionadas com as

variáveis explicativas e produtos cruzados (GUAJARATI, 2000). No teste White, também se considerada  $H_0$ : homocedasticidade e  $H_1$ : heterocedasticidade, com nível de significância de 5%. Segundo o teste White o valor de P ou P – value = 0, isso mostra que o resultado obtido é inferior ao nível de significância, rejeita-se a hipótese nula de homocedasticidade, atestando a presença de heterocedasticidade.

Ao detectar a presença de heterocedasticidade se faz necessária à correção (estimação robusta), que possibilitará ainda o uso do método dos mínimos quadrados ordinários uma espécie de validação junto à heterocedasticidade. Foi realizado o teste Reset que é um teste geral de erro de especificação de regressão (GUJARATI, 2000). Caso o valor do teste seja abaixo de 5% do nível de significância, o modelo admite falha e a omissão de variáveis explicativas. Portanto, fazendo o calculo com o devido trabalho, pode-se admitir que o modelo omite variáveis e possui falhas, já que seu valor foi Prob > F= 0,000.

```
Ramsey RESET test using powers of the fitted values of logRenda
Ho: model has no omitted variables
F(3, 519333) = 556.06
Prob > F = 0.0000
```

## CONCLUSÕES

O objetivo deste trabalho foi analisar se no município de Vitória da Conquista- BA, existe uma desigualdade de rendimentos entre os indivíduos, no primeiro momento por conta da diferenciação de sexo, ou seja, comparando os rendimentos de homens e mulheres, e no segundo momento, entre a cor ou raça, comparando os rendimentos de brancos e negros (pretos e pardos). Para alcançar o objetivo, utilizou-se o modelo econométrico de regressão linear múltipla, realizando o procedimento no software estatístico Stata.

Inicialmente, através do teste t de student a hipótese nula foi rejeitada, podendo concluir que todas as variáveis independentes possuem poder de explicação sob a variável dependente (renda). E ao aplicar o teste F, foi possível concluir que a variável dependente (renda) poderia ser explicada simultaneamente pelas variáveis independentes.

Os dados obtidos e posteriormente analisados permitiram responder a problemática que conduziu a investigação, através da confirmação da hipótese que no

município de Vitória da Conquista existe uma desigualdade nos rendimentos por diferenças de sexo e/ou cor ou raça.

Afinal, os dados demonstram que a variável ICor\_2 que é referente a cor parda quando comparada a ICor\_1 referente a cor branca, mostra que a ICor\_2 recebe 10% a menos que ICor\_1. A variável ICor\_4 referente a cor preta ao ser comparada com ICor\_1 recebe 12% a menos. A variável ISexo\_2 se refere ao sexo feminino que ao ser comparada a ISexo\_1 referente sexo masculino recebe 51% a menos, confirmando-se assim a diferença de rendimento existente entre homens e mulheres no mercado de trabalho e que está também existe quando se relaciona a cor.

Assim, os dados obtidos só validam o que está exposto nas bibliografias utilizadas, em que a gênese da formação da sociedade brasileira, ancorada no patriarcado e no racismo histórico, submete as mulheres e os pretos (pardos e negros) a condições diferenciadas no processo da exploração das forças de trabalhos em detrimento do sexo masculino e da cor branca, sendo que os primeiros estão sujeitos a ocupações mais precarizadas e principalmente a salários inferiores com relação aos últimos.

Este fato é oriundo das contradições existentes no sistema capitalista, sustentado pela exploração da força de trabalho, o processo de estratificação, de discriminação e marginalização de alguns grupos da sociedade, garantem a dominação e principalmente a exploração da força de trabalho por um menor custo e conseqüentemente a geração de mais-valia.

Enfim, concluímos que a investigação e estudo inicial do tema apesar de não oferecer soluções para as disparidades salariais encontradas e consideradas injustas, permitem ao município de Vitória da Conquista, as políticas públicas e sociais, bem como a sociedade, traçar um novo olhar sobre o tema. Assim, espera-se que este artigo sirva para fomentar novas pesquisas e trabalhos futuros, que reflitam e discutam sobre o tema de disparidade de rendimentos devido à diferenciação de sexo e cor ou raça, e que a parti disso, possa ocorrer o combate à discriminação, a precarização, e a desigualdade salarial, enfrentada pelas mulheres e pelos pretos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FURNO, Juliane da Costa; GOMES, Beatriz Passarelli. **O gênero da terceirização**. Em Tese, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./jul., 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1806-5023.2015v12n1p207>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

GUILLAUMIN, Colette; TABET, Paola; MATHIEU, Nicole Claude. **El Patriarcado Al Desnudo**: Tres feministas materialistas. Brecha Lésbica. Buenos Aires, 2005.

GUJARATI, Damodar N. Econometria básica. Elsevier: Rio de Janeiro, 2006.

HARVEY, David. Condição Pós-Moderna. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

INSTITUO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) Censo Demográfico de 2010: Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 30 de mar de 2015.

INVESTIGAÇÃO ECONOMETRICA DOS FATORES QUE INFLUENCIAM NO NÚMERO DE BENEFICIADOS DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA NOS MUNICÍPIOS BAIANOS: UMA ANÁLISE DO ANO 2009. Disponível em: <[http://www.uesb.br/eventos/semana\\_economia/2013/anais-2013/c04.pdf](http://www.uesb.br/eventos/semana_economia/2013/anais-2013/c04.pdf)>. Acesso em 03 de out de 2015.

MARX, Karl. **O capital**: critica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital/ Karl Marx; [tradução de Rubens Enderle] – São Paulo: Boitempo, 2013. (Marx-Engels).

\_\_\_\_\_. In: IANNI, Octávio (org.). Sociologia. n.10. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1988.

OLIVEIRA, Mariana. **Diversidade sexual e a centralidade do trabalho: as múltiplas determinações do processo de exploração**. Vitória, ES: Escola Nacional Florestan Fernandes, 2014.

ROCHA, Sonia. **Pobreza no Brasil**: afinal de que se trata? Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. 3.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2013.

\_\_\_\_\_. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987 – **Coleção Polêmica**.

WOOLDRIGE, Jeffrey M. Introdução à econometria. 4a edição. Cengage Learnig: São Paulo, 2010.